

# As controvérsias sobre o sujeito nulo no português brasileiro

Mary A. Kato

Universidade Estadual de Campinas, Brasil

**Abstract** Brazilian Portuguese (BP) has been analyzed as a language that is losing its referential null subjects, but though its typology is clear in the beginning of the change, the direction and target of the change is controversial. This paper brings an empirical and theoretical analysis comparing its synchronic state a) with Japanese, a radical [Null Subj] language, b) with Finnish, a partial [Null Subj] language, c) with English, a [-Null Subj] language, and finally d) with Icelandic, a ‘semi’[-Null Subj] language. It concludes that in its core grammar BP is of the latter type, though in the periphery of the I-language of literate Brazilians the lost [Null Subj] may appear due to instruction.

**Keywords** Null Subject Parameter. Brazilian Portuguese. Japanese. Finnish. Icelandic.

**Resumo** 1 Introdução. – 2 O histórico do parâmetro do sujeito nulo e as hipóteses de mudança no PB. – 3 O sujeito nulo na diacronia e na aquisição do PB. – 4 O ponto de partida e o ponto de chegada do PB. – 4.1 O PB, uma língua prototípica de SN no ponto de partida e a perda dos seus sujeitos nulos referenciais. – 4.2 O PB atual, uma língua de sujeito nulo com sujeitos indefinidos ou genéricos. – 4.3 Construções de expletivo nulo e de tópico-sujeito no PB atual. – 4.4 O português brasileiro, uma língua de SN parcial? – 4.5 O português brasileiro, uma língua [-SN] como o inglês? – 5 Considerações finais. – 5.1 Generalizações empíricas. – 5.2 Conclusões.

## 1 Introdução

Já é um fato bem conhecido que o português brasileiro (PB) vem perdendo as características de uma língua de sujeito nulo consistente, do tipo italiano ou português europeu, cujos ricos paradigmas flexionais vêm sendo chamados de sistemas de concordância pronominal. Podemos afirmar que há um con-

senso em relação ao tipo de língua de onde partiu o PB<sup>1</sup> e aos motivos que vêm desencadeando a mudança – o empobrecimento do seu sistema flexional – mas parece ser cedo ainda para definirmos o tipo de gramática que vem emergindo.

Este capítulo discute as controvérsias em relação ao resultado da mudança do PB em vista principalmente de trabalhos recentes que vêm propondo a existência de línguas de sujeito nulo parciais.<sup>2</sup>

O trabalho está organizado da seguinte forma: a) a seção 2 apresenta as propostas relativas ao parâmetro do sujeito nulo (PSN) e as perguntas a serem respondidas; b) a seção 3 descreve as mudanças que operaram no PB em relação ao PSN e o que ocorre no assentamento do PSN na criança brasileira; d) a seção 4 analisa a direção da mudança do PB e nas conclusões tecemos as considerações finais sobre a nossa pesquisa até o presente momento.

## 2 O histórico do parâmetro do sujeito nulo e as hipóteses de mudança no PB

Desde o advento do modelo de ‘princípios e parâmetros’, aquele que trata da possibilidade de línguas com e sem sujeitos nulos é o que tem recebido maiores discussões e refinamentos. Inicialmente o conceito binário era baseado na comparação de línguas com e sem um paradigma rico de concordância, como, por exemplo, o italiano vs. o inglês (Taraldsen 1978; Chomsky 1981).

Entretanto, Rizzi (1982,144) logo apontou para o fato de que o que parecia um parâmetro simples deveria ser decomposto em dois sub-parâmetros, para diferenciar línguas que autorizavam tanto sujeitos nulos referenciais e expletivos daquelas que só licenciavam sujeitos nulos expletivos (ex. italiano vs islandês). Rizzi denomina línguas como o islandês de línguas ‘semi-pro-drop’, mas poderíamos chamar de línguas ‘semi-não-prodrop’ ou ‘semi-[-SN]’, pois esse tipo de língua é mais próxima do inglês do que de línguas como o italiano.

Mas Huang (1984) mostra em seu artigo clássico que sujeitos nulos são também licenciados em sistemas como o chinês e o japonês, línguas sem nenhuma flexão de concordância, mas que podem identificar o SN através de um antecedente discursivo.

Finalmente, no início deste século, Holmberg (2005) e Holmberg, Nayudu e Sheehan (2009) propuseram a existência de línguas de sujeito nulo ‘parcial’, como o finlandês, que admite sujeitos nulos referenciais opcionais e sujeitos nulos expletivos ou lexicais, além de ad-

1 Até o século XVIII há farta evidência de que o PB compartilhava a gramática do português europeu (PE) no que diz respeito ao sujeito nulo (Tarallo 1996; Duarte 1993, 1995).

2 Uma versão com ênfase no tratamento empírico pode ser lida em Kato, Duarte 2017.

mitirem sujeitos nulos genéricos.

Relativamente ao tipo de gramática que está emergindo no PB, temos portanto as seguintes hipóteses: o PB está mudando de uma língua de SN consistente, do tipo italiano ou português europeu (PE):

- a. para uma língua [-SN], do tipo do inglês ou do francês;
- b. para uma língua de SN radical, como o chinês ou japonês;
- c. para uma língua de SN parcial, como o finlandês ou hebraico;
- d. para uma língua 'semi' [-SN], do tipo do islandês.

Nosso trabalho aponta para pistas que defendem a última hipótese, com o nulo não-referencial similar ao japonês.

### 3 O sujeito nulo na diacronia e na aquisição do PB

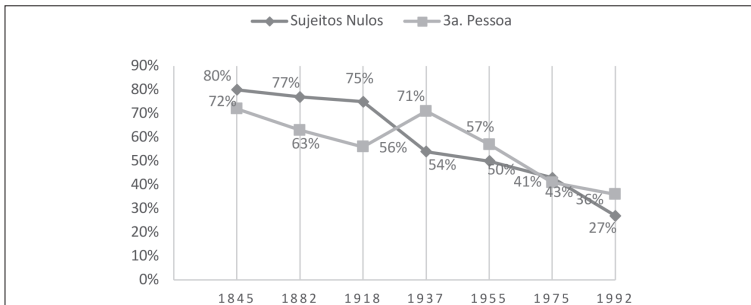
Tanto Tarallo (1996), quanto Duarte (1993) descobrem que o início da mudança no PSN no português se deu na segunda metade do século XIX. Os dados abaixo, de Duarte (1995), mostram claramente que o PB no século XX já respeitava claramente o princípio 'evite pronome' de Chomsky (1981).

Século XIX

- (1)
- a. Quando  $\emptyset_{1ps}$  te vi pela primeira vez,  $\emptyset_{1ps}$  não sabia que  $\emptyset_{2ps}$  eras viúva e rica.  $\emptyset_{1ps}$  amei-te por simpatia. (*O noviço*, Martins Pena, 1845)
  - b.  $\emptyset_{2ps}$  terá o cavalo que  $\emptyset_{2ps}$  deseja. (*O simpático Jeremias*, G. Tojeiro, 1918)
  - c.  $\emptyset_{1ps}$  já ontem comprei-lhe<sub>i</sub> o hábito com que  $\emptyset_i$  andar<sub>i</sub>á vestido. Assim  $\emptyset_i$  não estranhará.  $\emptyset_i$  Ser<sub>i</sub>á frade feliz. (*O noviço*, Martins Pena, 1845)

Século XX

- (2)
- a. Se **eu** ficasse aqui **eu** ia querer ser a madrinha.
  - b. **Você** não entende meu coração porque **você** 'tá sempre olhando pro céu e procurando chuva.
  - c. Agora **ele** não vai mais poder dizer as coisas que **ele** queria dizer. (*No coração do Brasil*, M. Falabella, 1992)

**Gráfico 1** A perda do sujeito nulo referencial (Duarte 1993)

No gráfico 1, Duarte mostra que a terceira pessoa é a mais resistente à mudança.

Para explicar a terceira pessoa residual, os linguistas formais apresentam várias teorias, mas não conseguem explicar a possibilidade de ocorrência do pronome nos mesmos contextos, isto é, o problema da opcionalidade.

Dentre as explicações do nulo residual do PB, temos as seguintes análises:

- a. o sujeito nulo do PB é uma variável presa a um constituinte quantificado (Negrão, Müller 1996). Contudo, um quantificador com um elemento nominal pode ter um pronome a ele ligado:
  - (3) a. **Ninguém** acha que  $\emptyset_{i_j}$  \*ele é burro.
  - b. **Nenhuma criança** acha que **ela** /  $\emptyset_i$  é burra.
- b. O sujeito nulo do PB é uma variável ligada a um tópico em posição A', o sujeito no PB estando em posição A'. (Modesto 2000). Mas um modal na subordinada no mesmo contexto torna plausível a leitura com um antecedente distinto do sujeito-tópico.
  - (4) a. **Paulo**<sub>1</sub> convenceu o Pedro<sub>2</sub> que  $\emptyset_{1/2/3}$  tinha que ir embora.
  - b. **Paulo**<sub>1</sub> convenceu o Pedro<sub>2</sub> que  $\emptyset_{1/2/3}$  devia estudar mais.
- c. O sujeito nulo no PB é um vestígio de alçamento (Ferreira 2004; Martins, Nunes 2009). Aqui também o vestígio nulo pode ter uma alternativa pronominal.
  - (5) a. **Os vizinhos**<sub>i</sub> **parecem** que  $\emptyset_i$  compraram um carro.
  - b. **Os vizinhos**<sub>i</sub> **parecem** que **eles**<sub>i</sub> compraram um carro.

- d. O sujeito nulo no PB é um elemento logofórico (pronomes dêiticos) (Kato 2009).<sup>3</sup> Mas aqui também temos opcionalidade entre o nulo e o pronome.
- (6) a. O Pedro<sub>i</sub> disse que  $\emptyset$  estava com fome.  
b. **O Pedro<sub>i</sub>** disse que **ele<sub>i</sub>** estava com fome.

Uma teoria que assume que a forma possível em uma língua se dá via assentamento do valor de um parâmetro não devia admitir, em uma mesma gramática, a existência de *doublets* morfológicos, ou opcionalidade (Kroch 1994), que é o que temos acima.

Neste trabalho, assumiremos, com Kato (2001, 2015), que gramáticas nucleares não admitem *doublets* e que a criança só apresenta no início a variante inovadora. Mostraremos, a seguir, via trabalho de Magalhães (2003), que a criança pré-escolar não apresenta pronomes em competição com sujeitos nulos em contextos como os de (3) a (6) acima. Magalhães conclui que o sujeito nulo é aprendido pela criança brasileira na escola, através de instrução e não de seleção.

**Tabela 1** Sujeitos nulos e pronominais em orações complemento (apud Magalhães 2003)

Orações complemento	Pre-escola	3º/4º ano	7º/8º ano
Sujeito pronominal	97,89%	78,0%	50,38%
Sujeito nulo	2,1%	22,0%	49,62%

Essa pesquisa de Magalhães nos mostra que, embora o brasileiro letrado possa apresentar em sua língua-E casos de variação entre sujeito pronominal e nulo, em sua língua-I terá, no centro, em sua gramática nuclear, apenas o sujeito pronominal referencial e uma periferia marcada, onde terá o sujeito nulo adquirido via instrução.

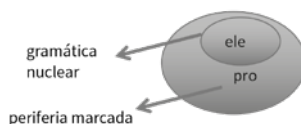
**3** Para Kuno (1972), o sujeito é logofórico se, a sentença convertida ao discurso direto, seu sujeito aparece na primeira pessoa (falante), ou segunda pessoa (ouvinte):

- (i) O Pedro disse: 'Eu estou com fome'.  
(ii) O Pedro disse: 'Você está com fome'.

Convertido ao discurso indireto, podemos ter o nulo ou o pronome. Mas se no discurso direto temos a 3ª pessoa, na conversão para o discurso indireto, só podemos ter o pronome.

- (iii) O Pedro disse: 'Ela está com fome'. ⇨ O Pedro disse que ela / \* $\emptyset$ <sub>i</sub> estava com fome.

Figura 1 (apud Kato 2011)



Todavia, embora o sujeito referencial na gramática nuclear do brasileiro se manifeste apenas em sua forma pronominal, sujeitos nulos não-referenciais são atestados durante a aquisição (Simões 2000).

- (7) a.  $\emptyset_{\text{expl}}$  Tem dois aviões.  
b.  $\emptyset_{\text{gen}}$  Tem que arrumar esse.  
André 2;10

Veja construções correspondentes no adulto brasileiro:

- (8) a.  $\emptyset_{\text{expl}}$  Tem manifesto hoje.  
b.  $\emptyset_{\text{gen}}$  Tem que chegar cedo na Paulista.

Concluindo esta seção, podemos afirmar que a gramática nuclear do brasileiro tem os sujeitos referenciais obrigatoriamente pronominais e os não-referenciais nulos.

Já a língua-I do adulto letrado terá uma periferia com o sujeito nulo referencial, podendo sua língua-E exibir o fenômeno de mixagem de códigos (*code-switching*).

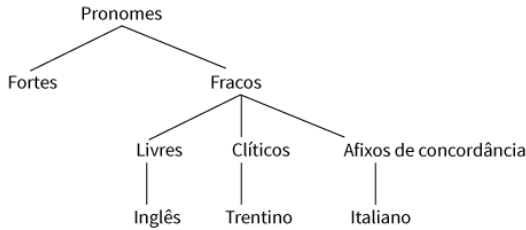
- (9) **Você** abandona tudo, tudo!  $\emptyset_i$  não pode voltar lá nem pra apanhar a roupa!

## 4 O ponto de partida e o ponto de chegada do PB

### 4.1 O PB, uma língua prototípica de SN no ponto de partida e a perda dos seus sujeitos nulos referenciais

Para definir uma língua de SN prototípica, vamos nos valer da definição de pronomes fortes e deficientes em Cardinaletti e Starke (1994), mas na visão de Kato (1999). Segundo os primeiros, a primeira divisão é entre fortes e deficientes, sendo o segundo tipo constituído de fracos e clíticos. Para Kato, a divisão é entre fortes e fracos e estes podem ser de três tipos: livre, clíticos e afixos de concordância.

**Figura 2** (apud Kato 2000)



O PB dispunha de um paradigma rico de concordância até o começo do século XIX, mas, com o enfraquecimento desse sistema flexional, criou um paradigma de pronomes fracos livres do tipo do inglês e do francês (Nunes 1993), quasi-homófono com o sistema de pronomes fortes.

**Tabela 2** (apud Kato 1999)

Pronomes fortes	Pronome fraco afixal	Pronome fraco livre
EU	Séc. XVIII am- <b>o</b>	Séc. XX [ô]
VOCÊ	ama- $\emptyset$	[cê]
ELE	ama- $\emptyset$	[ei]
ELA	ama- $\emptyset$	[ela]
VOCÊS	ama- <b>m</b>	[cêis]
ELES	ama- $\emptyset$	[eis]

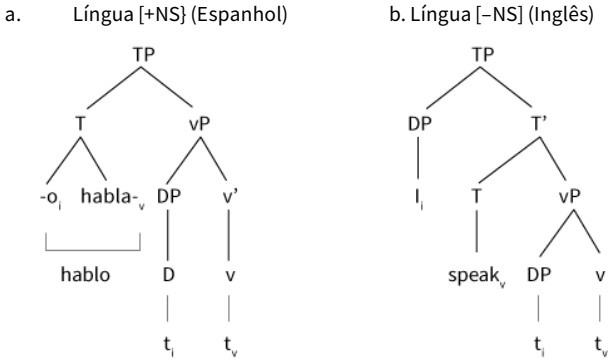
- (9)
- a. EU, [ô] vô.
  - b. VOCÊ, [cê] me paga.
  - c. ESSE CARA, [ei] não presta.

Antes da mudança, quando o PB era uma língua de SN, não se ouvia redobro, porque o pronome fraco era um sufixo pronominal:

- (10)
- a. EU lei-**o** o Estadão.
  - b. TU lê-**s** a Folha.
  - c. ELE lê- $\emptyset$  o Público.

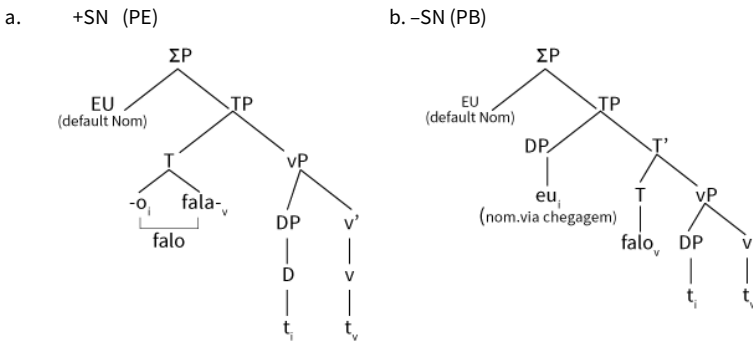
Tanto o pronome fraco livre, quanto a concordância pronominal, estão na numeração e nascem em Spec de vP. Enquanto no PB o pronome fraco sobe para Spec,T para satisfazer o EPP sintaticamente, antes da mudança o português afixava a concordância pronominal a T, sendo o EPP satisfeito morfologicamente.

**Figura 3** (apud Kato 2000)



Pronomes fortes se encontram em uma posição mais alta do que TP. Esta posição mais alta pode ser  $\Sigma P$ , como em Martins (1994), ou SubjP, como em Cardinaletti (2004). Essa configuração explica por que o PB perdeu também a inversão livre. Enquanto no espanhol, língua [+SN], o que se move na inversão livre é um TP, no PB seria um T', o que é barrado no modelo de *Barreiras* (Chomsky 1986).

**Figure 4** (apud Kato 2000)



Assim, enquanto, antes da mudança, o PB era uma língua [+SN], no século XX, no que diz respeito a sujeitos referenciais, passa a se comportar como uma língua [-SN], com pronomes fracos subindo para Spec,T e perdendo como resultado a possibilidade de inversão livre (Kato 2000), cuja função é codificar sentenças apresentativas, ou té-



ticas.<sup>4</sup> Estas passam a ser codificadas com a ordem SV anterior. Mas enquanto o PE tem a ordem SV, com o sujeito acima de TP, em  $\Sigma P$ , para sentenças categóricas, ou predicativas, o PB tem essa função exercida por sentenças com redobro (Britto 2000).

- |      |    |                      |                                    |    |
|------|----|----------------------|------------------------------------|----|
| (11) | a. | Chegou o Pedro.      | (sentença tética)                  | PE |
|      | b. | O Pedro chegou.      | (sentença categórica) <sup>5</sup> | PE |
| (12) | a. | O Pedro chegou.      | (sentença tética)                  | PB |
|      | b. | O Pedro, ele chegou. | (sentença categórica)              | PB |

#### 4.2 O PB atual, uma língua de sujeito nulo com sujeitos indefinidos ou genéricos

Com a perda dos pronomes fracos clíticos, um deles o *se* (Cyrino 1993; Pagotto 1993), o PB passa a codificar sentenças indefinidas e genéricas sem esse clítico, em sentenças de sujeito nulo, mas antes sofre a mudança de ênclise para próclise.<sup>6</sup>

- |      |    |  |
|------|----|--|
| (13) | a. | $\emptyset_{gen}$ conserta-se Iphone.  |
|      | b. | $\emptyset_{gen}$ se- conserta Iphone. |
|      | c. | $\emptyset_{gen}$ conserta IPHONE.     |

Kato (2000), adaptando a teoria do controle generalizado de Huang (1984) para o PB, faz uso de PRO em sentenças finitas para dar conta desse tipo de sujeito. Assumimos, com Kato (2000), que PRO é o pronome forte nulo no PB e no japonês e que o pronome fraco em (13) e (14) é um NP nulo.<sup>7</sup>

- |      |     |   |
|------|-----|---|
| (13) | c.ʹ | [PRO <sub>i</sub> [ [NP $\emptyset$ ] <sub>i</sub> conserta iPhone]   |
| (14) |     | [PRO <sub>i</sub> [ [NP $\emptyset$ ] <sub>i</sub> I-Phone-o naoshimassu] (japonês)<br>$\emptyset$ I-Phone conserta |

Todavia, as sentenças genéricas têm, conforme contexto, variantes pessoais como *a gente* ou *você*, um sinal de que também aí a tendência é preencher o sujeito, substituindo um nome nulo por um pronome fraco livre.

---

<sup>4</sup> Aqui seguimos a nomenclatura de Kuroda (1972).

<sup>5</sup> Note que, na representação proposta na fig. 3, o sujeito fica acima de TP, posição que pode ser interpretada como tópico.

<sup>6</sup> Essa mudança resultou da perda do movimento longo do clítico (Pagotto 1993) e da mudança na direção de cliticização (Nunes 1993).

<sup>7</sup> Na verdade o objeto nessas sentenças é também um NP nulo. Em sentenças genéricas o sujeito e o objeto podem ser nús.

(i) Homem quer mulher dentro de casa.

- (15) a. (**A agente**) conserta sapato... (≠ japonês)  
b. (**Cê**) não usa mais saia. (≠ japonês) (= inglês)

### 4.3 Construções de expletivo nulo e de tópico-sujeito no PB atual

Apesar de estar perdendo o SN referencial, o PB continua a exibir um padrão de sentenças com o expletivo nulo, com verbos existenciais, verbos inacusativos<sup>8</sup> e verbos de alçamento:

- (16) a.  $\emptyset_{\text{expl}}$  Chove muito nessas cidades.  
b.  $\emptyset_{\text{expl}}$  Estourou o pneu do Hamilton.  
c.  $\emptyset_{\text{expl}}$  Faltou sorte aos meus times.  
d.  $\emptyset_{\text{expl}}$  Parece que eles são boas pessoas.

Todavia, a partir do século XX, o PB vem desenvolvendo construções pessoais com alçamento.<sup>9</sup>

- (17) a. Essas cidades chovem muito[t<sub>i</sub>]. (alçamento de locativo)  
b. O Hamilton<sub>i</sub> estourou [o pneu t<sub>i</sub>]. (alçamento de possessivo)  
c. Os meus times<sub>i</sub> faltaram sorte [t<sub>i</sub>]. (alçamento de benefactivo)  
d. Eles parecem que [t<sub>i</sub>] são boas pessoas. (alçamento do sujeito)

Desde o trabalho clássico de Pontes (1987), os linguistas brasileiros vêm propondo ser o PB uma língua de ‘proeminência discursiva’ (Negrao 1999; Modesto 2008), ou de ‘prominência de tópico’ na nomenclatura funcionalista (Li, Thompson 1976).

Supondo que, diferentemente do francês, o PB não irá criar um expletivo lexical, podemos nos perguntar qual a razão disso. A resposta estaria em Li e Thompson, para quem línguas de proeminência de tópico não contam com expletivos.

Em Duarte e Kato (2008), temos uma análise formal do motivo dessa diferença. Para elas, enquanto nas línguas de ‘proeminência de sujeito’ o EPP é satisfeito através de ‘merge externo’ de um expletivo, as línguas de proeminência discursiva, ou de proeminência de tópico, preferem o ‘merge interno’ de um constituinte mais baixo.

Mas Kato e Ordoñez (no prelo) percebe que as construções com expletivo e as construções com alçamento não são equivalentes em contexto de uso, sendo as primeiras sentenças téticas e as últimas

---

<sup>8</sup> A inversão inacusativa passa a não exibir mais a concordância do verbo com o argumento posposto: Kato (2002) considera que houve uma reanálise de verbos inacusativos para existenciais.

<sup>9</sup> Note-se que alçamento do objeto é um caso comum nas línguas, como já apontava Fillmore (1968).

sentenças categóricas. Assim, em um contexto que exige sentenças téticas como respostas, o que temos são sentenças com expletivo. Se a pergunta exige uma resposta categórica, isto é, com um tópico, o que temos é uma construção com alçamento. No japonês o sujeito aparece com um sufixo *-ga* quando a sentença é tética e com *-wa* quando ela é categórica.

Comparando o PB com o japonês, a resposta com *-ga* corresponde à sentença com expletivo, enquanto a resposta com *-wa* corresponde à sentença com alçamento:

- (20) O que aconteceu?
- (21) a. *Kuruma-no taya -ga panku-shita.* (sentença tética)  
Carro-gen. pneu-*ga* estourou  
b. Estourou o pneu do carro. (sentença tética)
- (22) O que aconteceu com o Hamilton?
- (23) a. *Hamilton-wa taya-ga pankushita.* (sentença categórica)  
o Hamilton pneu-*ga* estourou  
b. O Hamilton estourou o pneu. (sentença categórica)

Um estudo interessante, de Miyagawa (2010), pode dar conta desses tipos de construção e a tipologia linguística resultante. Embora o japonês tenha a capacidade de distinguir sentenças téticas de categóricas, ele é uma língua que apela para a morfologia, enquanto o PB apela estritamente para a sintaxe.

Vejamos como Miyagawa analisaria a diferença entre o japonês e o PB. Usando o modelo chomskiano (Chomsky 2007) de não inserir traços- $\phi$  em T, mas em C, o autor propõe que traços discursivos- $\delta$  também podem ser inseridos em C. Esses traços- $\phi$  ou  $\delta$  inseridos em C percolam para T de onde desencadeiam movimento: a) se a língua é de 'proeminência discursiva' é um constituinte tópico que se move; b) se é uma língua de 'proeminência de concordância' é o sujeito. Miyagawa considera que há tipos mistos, como o turco, que pode percolar os dois tipos de constituinte.

- (24) a.  $C_{\delta} \rightarrow T_{\delta} \dots$  (língua de proeminência discursiva, ex. japonês)  
b.  $C_{\phi} \rightarrow T_{\phi} \dots$  (língua de proeminência de concordância, ex. inglês)  
c.  $C_{\phi, \delta} \rightarrow T_{\phi, \delta}$  (língua mista, ex. turco, PB)
- (25) a. *Kono matchi-waō yoku ame-ga furu.* (proeminência discursiva)  
essa cidade -*wa* muita chuva-*ga* cai  
b. *It rains-φ a lot in these cities.* (proeminência de concordância)  
c. *Essas cidades-δ chovem-φ muito.* (proeminência discursiva e de concordância)

O PB difere, pois, do japonês, que não dispõe de concordância, e do inglês, que não dispõe de alçamento. Mas dispõe da construção com expletivo com concordância, como em (26):

(26) Estourou o pneu do Hamilton.

Embora possamos dizer que o PB se parece com uma língua de proeminência discursiva, ela ainda conserva a concordância nas construções que percolam um traço discursivo como em (25c). Além disso o PB ainda mantém construções com expletivo, inexistentes no japonês.

Até aqui vimos ligando o fenômeno das construções de tópico-sujeito à perda do sujeito nulo e da não aquisição do expletivo lexical pelo PB.

Para finalizar esta subseção, iremos propor que essas construções resultaram não da perda do sujeito nulo, mas da mudança no paradigma de clíticos de terceira pessoa, em particular do dativo, que passaram de clíticos fonológicos para clíticos nulos (Kato 1993). Já no português clássico (PCL) o clítico locativo *hi* do português antigo (PA) também já havia passado a nulo. Além disso o PB também perdeu o possessivo de terceira pessoa. O PE, por outro lado, mantém todos esses pronomes clíticos e o possessivo, tendo perdido apenas o clítico locativo.

(27) Tabela 3: A diacronia dos pronomes no PB (Kato 2015)

PA		PCI		PE		PB	
Acus.	Dat.	Poss.	Loc.	Acus.	Dat.	Poss.	Loc.
me	me	meu		me	me	meu	
te	te	teu		te	te	teu	
o/lo	lhe	seu	hi/ø	ø/ele	ø/pra ele	ø/dele	ø

- (28) a. Aos meus times faltou **lh**es sorte. (CLLD)  
 b. Os meus times faltaram sorte. (tópico-sujeito)

As derivações dessas estruturas podem ser vistas abaixo:<sup>10</sup>

- (28)' a. [<sub>TopP</sub>[(Aos) meus times] [<sub>TP</sub> ø<sub>expl</sub> faltou ø-lhes sorte [lh<sub>dat</sub> os meus times]] PE CLLD  
 b. [<sub>TP</sub>[Os meus times] ø<sub>clítico</sub> -faltaram ø<sub>clítico</sub> sorte [ø<sub>clítico</sub> os meus times]] tópico-sujeito

<sup>10</sup> Estamos usando Kayne (2001) para quem em estruturas de redobro, como o CLLD, o clítico nasce junto com seu antecedente numa estrutura de min-oração.

#### 4.4 O português brasileiro, uma língua de SN parcial?

Holmberg and Sheehan (2010) listam o PB como uma língua de SN parcial. Todavia, se considerarmos:

- a. que os SNs referenciais no PB são só aprendidos via instrução, enquanto no finlandês é presumivelmente parte da gramática nuclear;
- b. que, enquanto o finlandês tem o sujeito lexical genérico *sitä*, o PB dispõe de um nome nulo;
- c. que, enquanto o finlandês tem expletivos nulos obrigatórios com verbos existenciais, mas optativos com verbos de tempo, em sentenças téticas do PB, o nulo ocorre com os dois tipos de verbo, embora a ordem SV possa ocorrer também com verbos que não admitem inversão;

Podemos concluir que o PB não é uma língua de SN parcial como o finlandês.

#### 4.5 O português brasileiro, uma língua [-SN] como o inglês?

Na seção 3, exemplos de (3) a (6), vimos que o que caracteriza o PB é a opcionalidade da ocorrência do SN com pronomes, que explicamos via competição de gramáticas, com uma delas adquirida via escolarização.

Mas testando a interpretação do pronome vs SN, fica evidente que, em contextos onde há opcionalidade, o PB se comporta exatamente como o inglês quando o sujeito da oração complemento é um pronome, enquanto a interpretação do SN é diferente do PE.

- (29) a. [*John's<sub>i</sub> father<sub>j</sub>*]<sub>i</sub> said that he<sub>i/j/k</sub> was stupid.  
b. [O pai<sub>i</sub> do João]<sub>i</sub> disse que ele<sub>i/j/k</sub> era estúpido. PB = inglês
- (30) [O pai<sub>i</sub> do João]<sub>i</sub> disse que  $\emptyset$ <sub>i/j/k</sub> era estúpido. PB ≠ PE

Além disso, línguas [-SN] se caracterizam por exibir redobro do sujeito. Roberts (1993) mostra que, quando o francês perdeu o SN, começou a ter redobro do sujeito. No início o pronome forte era nominativo e depois passa a ser dativo.

- (31) a. *Renars respond: **Jou, je** n'irai.*  
b. *Et **jou je** cuit.*  
c. ***Moi, je** le cuit.*

No PB é interessante observar que, mesmo quando o antecedente é indefinido ou quantificado, o redobro aparece:

- (32) a. Eu acho que **um trabalho**, **ele**, teria que começar por aí.  
 b. Eu acho que **qualquer professor**, **ele**, deve falar claro e objetivamente.

O que fica claro nesses fatos é que, quando manifesta o pronome como sujeito, o PB é uma língua idêntica ao inglês ou ao francês, línguas [-SN]. Todavia o inglês e o francês não dispõem de SNs não-referenciais, o que nos leva a crer que eventualmente poderíamos considerá-lo como do tipo ‘semi-prodrop’, como o islandês, analisado em Sigurdsson (1993).

- (33) a. *Sinne ei muut vapehtoisesti*  
 expl não.3SG move voluntariamente  
 Você não se move pra lá voluntariamente.  
 b. *Í þessari fjölskyldu drekkuv þú bara ekki áfengi*  
 nessa família pode.3SG você não alcool  
 Nesta família, (você) simplesmente não bebe alcool.  
 c. *Þeir segja að það rigni á morgun.*  
 Eles, masc. dizem que expl chove de manhã  
 Eles dizem que vai chover amanhã.

Embora consideremos que o PB possa ser como o islandês, é preciso conhecer melhor esse tipo de língua para podermos considerar ser o PB uma língua semi pro-drop.

## 5 Considerações finais

### 5.1 Generalizações empíricas

Os dados de língua-E do brasileiro adulto letrado apresenta uma competição de gramáticas, no sentido de Kroch (1994), entre o que se encontra na gramática nuclear aprendida por seleção e o que se encontra na periferia, as regras apreendidas via escolarização. Note-se que os fenômenos vistos encontram paralelo na variação entre clíticos acusativos de 3ª pessoa com pronomes retos, e também na variação entre o clítico ‘se’ e o clítico nulo.

- (34) Os adolescentes não entendem os adultos e acham que ninguém **os** entende. Nós, envelhecetes, também não entendemos **eles**.  
 ‘Ninguém me entende’ é uma frase típica de envelhecete.  
 (Mario Prata, *Diário de um magro*)

- (35) Parte-**se** um ovo;  $\emptyset_{gen}$  - põe a gema; espah ah ah  $\emptyset_{gen}$  - derrama em cima e  $\emptyset_{gen}$  - põe bastante pão torrado; então  $\emptyset_{gen}$  -vai junto com o camarão, com queijo ao forno...ai  $\emptyset_{gen}$  - retira os dois e serve-**se**. (*corpus* NURC)

Aqui também a variação depende da competição de gramáticas, a inovadora, adquirida como gramática nuclear, e a conservadora, aprendida via instrução.

## 5.2 Conclusões

Nossa análise neste trabalho nos leva às seguintes conclusões teóricas:

- a. na sua gramática nuclear, o PB pode ser considerado do tipo do islandês, uma língua semi pro-drop, com sujeitos referenciais que consistem em um paradigma de pronomes fracos livres como o inglês e o francês, mas com elementos nulos no lugar de sujeitos não referenciais;
- b. o SN genérico resultou da perda do clítico *se*. O SN resultante é um nulo semelhante ao do japonês, um nome nulo;
- c. o SN expletivo é o mesmo da gramática do PCL e do PE, isto é um pronome afixal;
- d. os tópico-sujeitos resultaram da estrutura de CLLD, com o esvaziamento dos clíticos, dos pronomes possessivos e dos locativos, estes já no PCL.

## Referências bibliográficas

- Britto, H. (2000). «Syntactic Codification of Categorical and Thetic Judgments in Brazilian Portuguese». Kato, M.A.; Negrão, E. Vailati (eds), *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Frankfurt: Vervuert-LatinoAmericana, 195-222.
- Cardinaletti, A. (2004). «Toward a Cartography of Subject Positions». Rizzi, L. (ed.), *The Structure of CP and IP: The Cartography of Syntactic Structures*, vol. 2. New York: Oxford University Press, 115-65.
- Cardinaletti, A.; Starke, M. (1999). «The Typology of Structural Deficiency: On the Three Grammatical Classes». Riemsdijk, H. van (ed.), *Clitics in the Languages of Europe*. Berlin; New York: Walter de Gruyter, 145-233.
- Chomsky, N. (1981). *Lectures on Government and Binding Theory*. Dordrecht: Foris.
- Chomsky, N. (1986). *Barriers*. Cambridge (MA): MIT Press.
- Chomsky, N. (2007). «Approaching UG from Below». Sauerland, U.; Gärtner, H.-M. (eds), *Interfaces + Recursion = Language? Chomsky's Minimalism and the View from Syntax-Semantics*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1-29.
- Cyrino, S.M. Lazzarini (1993). «Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos». Roberts, Kato 1993, 163-84.
- Duarte, M.A. Lamoglia (1993). «Do pronomo nulo ao pronomo pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil». Roberts, Kato 1993, 107-28.
- Duarte, M.A. Lamoglia (1995). *A perda do princípio 'evite pronomo' no português brasileiro* [tese de doutorado]. Campinas: UNICAMP.
- Duarte, M.A. Lamoglia; Kato, M.A. (2008). «A mudança paramétrica e a orientação para o discurso». Comunicação apresentada no XXIV Encontro Nacional da Associação Nacional de Linguística. Braga, Portugal.
- Ferreira, M. (2004). «Hyperraising and Null Subjects in Brazilian Portuguese». *MIT Working Papers in Linguistics 47: Collected Papers on Romance Syntax*, 57-85.
- Fillmore, C.J. (1968). «The Case for Case». Bach, E.; Harms, R.T. (eds), *Universals in Linguistic Theory*. London: Holt, Rinehart and Winston, 1-88.
- Holmberg, A. (2005). «Is there a little *pro*». *Linguistic Inquiry*, 36(4), 533-64.
- Holmberg, A.; Sheehan, M. (2010). «Control into Finite Clauses in Partial Null Subject Languages». Biberauer, T. et al. (eds), *Parametric Variation: Null Subjects in Minimalist Theory*. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 125-52.
- Holmberg, A.; Nayudu, A.; Sheehan, M. (2009). «Three Partial Null-Subject Languages: A Comparison of Brazilian Portuguese, Finnish and Marathi». *Studia Linguistica*, 63, 59-97. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9582.2008.01154.x>.
- Huang, C.-T.J. (1984). «On the Distribution and Reference of Empty Pronouns». *Linguistic Inquiry*, 15(4), 531-74.
- Huang, C.-T.J. (1989). «Pro-Drop in Chinese: A Generalized Control Theory». Jaeggli, O.; Safir, K. (eds), *The Null Subject Parameter*. Dordrecht: Kluwer, 185-214.
- Kato, M.A. (1993). «The Distribution of Null and Pronominal Objects in Brazilian Portuguese». Mithun, M. et al. (eds), *Linguistic Perspectives on the Romance Languages. Selected Papers from the XXI Linguistic Symposium on Romance Languages*. Amsterdam: John Benjamins, 225-35.
- Kato, M.A. (1999). «Strong Pronouns, Weak Pronouns and the Null Subject Parameter». *Probus*, 11(1), 1-37.



- Kato, M.A. (2000). «The Partial Prodrop Nature and the Restricted VS Order in Brazilian Portuguese». Kato, M.A.; Negrão, E. Vailati (eds), *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Frankfurt: Vervuert-LatinoAmericana, 223-58.
- Kato, M.A. (2001). «Acquisition in the Context of Language Change: The Case of the Null Subject in Brazilian Portuguese». Rinke, E.; Kupisch, T. (eds), *The Development of Grammar: Language Acquisition and Diachronic Change (in honour of Jürgen M. Meisel)*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 309-30.
- Kato, M.A. (2002). «The Reanalysis of Unaccusative Constructions as Existentials in Brazilian Portuguese». *Revista do GEL (número especial)*, 157-86.
- Kato, M.A. (2009). «O sujeito nulo revisitado no português brasileiro». Morais, M.A. Torres; Andrade, M.L. de Oliveira (eds), *História do Português Paulista*, vol. 2. Campinas: Editora da UNICAMP, 61-82.
- Kato, M.A. (2011). «Acquisition in the Context of Language Change: The Case of the Null Subject in Brazilian Portuguese». Rinke, E.; Kupisch, T. (eds), *The Development of Grammar: Language Acquisition and Diachronic Change (in Honour of Jürgen M. Meisel)*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 309-30. Hamburg Series on Multilingualism (HSM 11).
- Kato, M.A. (2015). «Variation in Syntax: Two Case Studies on BP». Adli, A. et al. (eds), *Variation in Languages: System-and Usage-Based Approaches*. Berlin: De Gruyter, 91-110.
- Kato, M.A.; Duarte, M.A. Lamoglia (2017). «O sujeito no PB e sua tipologia». Pilati, E. et al. (eds), *Novos olhares para a gramática do PB*. Campinas: Pontes, 13-42.
- Kato, M.A.; Negrão, E. Vailati (eds) (2000). *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Frankfurt: Vervuert-LatinoAmericana.
- Kato, M.; Ordóñez, F. (no prelo). «Diachronic Changes in Romania Nova: Loss of Clitics, Loss of Free Inversion and Emergence of Topic Subject Constructions». *Cadernos de Estudos Linguísticos da UNICAMP*.
- Kayne, R.S. (2001). «Pronouns and their Antecedents». Epstein, S.; Seely, T.D. (eds), *Derivation and Explanation in the Minimalist Program*. Malden (MA): Blackwell 133-166.
- Kroch, A. (1994). «Morphosyntactic Variation». Beals, K. et al. (eds), *Papers from the 30th Regional Meeting of the Chicago Linguistics Society = Parasession on Variation and Linguistic Theory. Foundations of Language*, 9, 153-85.
- Kuno, S. (1972). «Pronominalization, Reflexivization, and Direct Discourse». *Linguistic Inquiry*, 3(2), 161-95.
- Kuroda, S.-Y. (1972). «The Categorical and the Thetic Judgement». *Foundations of Language*, 9, 153-185.
- Li, C.N.; Thompson, S.A. (1976). «Subject and Topic: A New Typology of Language». Li, C.N. (ed.), *Subject and Topic*. New York: Academic Press, 457-89.
- Magalhães, T.M. Vianna (2003). «Aprendendo o sujeito nulo na escola». *Letras de Hoje*, 36(1), 189-202.
- Martins, A.M. (1994). *Clíticos na História do Português* [tese de doutorado]. Lisboa: Universidade de Lisboa.
- Martins, A.M.; Nunes, J. (2009). «Syntactic Change as Chain Reaction: The Emergence of Hyper-Raising». Crisma, P.; Longobardi, G. (eds), *Historical Syntax and Linguistic Theory*. Oxford: Oxford University Press, 144-57.
- Modesto, M. (2000). «Null Subjects without 'Rich' Agreement». Kato, M.A.; Negrão, E. Vailati (eds), *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Frankfurt: Vervuert-LatinoAmericana, 147-74.

- Modesto, M. (2008). «Topic Prominence and Null Subjects». Biberauer, T. (ed.), *The Limits of Syntactic Variation*. Amsterdam: John Benjamins, 75-406.
- Miyagawa, S. (2010). *Why Agree? Why Move? Unifying Agreement-Based and Discourse Configurational Languages*. Cambridge (MA): MIT Press.
- Negrão, E. Vailati (1999). *O português brasileiro: uma língua voltada para o discurso* [tese de licenciatura]. São Paulo: USP.
- Negrão, E. Vailati; Müller, A. (1996). «As mudanças no sistema pronominal brasileiro, substituição ou especialização de formas». *DELTA*, 12(1), 125-52.
- Nunes, J. (1993). «Direção de cliticização, objeto nulo e pronome tônico na posição de objeto em português brasileiro». Roberts, Kato 1993, 207-22.
- Pagotto, E. (1993). «Clíticos, mudança e seleção natural». Roberts, Kato 1993, 185-206.
- Pontes, E. (1987). *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Editora Pontes.
- Rizzi, L. (1982). *Issues in Italian Syntax*. Dordrecht: Foris.
- Roberts, I. (1993). *Verbs and Diachronic Syntax*. Dordrecht: Kluwer.
- Roberts, I.; Kato, M.A. (eds) (1993), *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP.
- Simões, L.J. (2000). «Null Subjects in Brazilian Portuguese: Developmental Data from a Case Study». Kato, M.A.; Negrão, E. Vailati (eds), *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Frankfurt: Vervuert-LatinoAmericana, 75-104.
- Sigurdsson, H.A. (1993). «Argument-Drop in Old Icelandic». *Lingua*, 89, 247-80.
- Taraldsen, K.T. (unpublished). «On the NIC, vacuous application, and the *that-t* filter» (1978).
- Tarallo, F. (1996). «Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além-mar ao final do século XIX». Roberts, Kato 1993, 69-106.